

“Há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo” (1Cor 12,4)

Relatório da 6ª fase do Diálogo Internacional Católico-Pentecostal: tópicos fundamentais

Marcial Maçaneiro*

Resumo:

Neste artigo, o autor apresenta os tópicos fundamentais do recente *Relatório* do Diálogo Internacional Católico-Pentecostal (6ª fase: 2010-2015), com o tema “Carismas na vida e na missão da Igreja”. Assinado por diversas representações do pentecostalismo clássico e da Igreja Católica, o documento esclarece o método, tema e abordagem seguida pelas igrejas neste Diálogo (Parte I), trata da dimensão pneumatológica da Igreja e suas expressões carismáticas (Parte II), reflete ecumenicamente sobre três carismas específicos: profecia, cura e discernimento dos espíritos (Parte III), propõe diretrizes para a supervisão pastoral do exercício carismático na Igreja (Parte IV), concluindo com síntese final e afirmação do valor ecumênico do tema, não só para as Comunidades pentecostais, mas para as demais Igrejas, por tratar-se da ação do Espírito Santo no Corpo de Cristo para a unidade dos cristãos (Parte V). Com a intenção de introduzir ao estudo do *Relatório*, o Autor rememora as fases anteriores do Diálogo Internacional Católico-Pentecostal, e se concentra nos elementos fundamentais contidos na Parte II do documento: O que católicos e pentecostais sustentam em comum sobre carismas na Igreja (n. 9-14), fundamentos bíblicos a respeito dos carismas (n. 15-20), observações histórico-teológicas, com referências da Patrística e da Reforma (n. 21-23), a Igreja como comunidade vivificada pelo Espírito Santo (n. 24-28). Assim, a dimensão pneumatológica da Igreja é afirmada em sua atualidade, com atenção aos carismas e com foco na missão, numa reflexão de valor ímpar, pois resulta do discernimento conjunto de católicos e pentecostais sobre o tema. Por fim, o Autor convida à leitura e estudo integral do documento, sobretudo por parte dos ministros, estudantes de teologia e responsáveis pela evangelização.

Palavras-chave: Diálogo católico-pentecostal; Pneumatologia; Igreja; Carismas; Missão.

* Doutor em teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma). Membro da Comissão Internacional de Diálogo Católico-Pentecostal (Vaticano). Docente do Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (Curitiba). Religioso da Congregação dos Padres do Coração de Jesus (Dehonianos). E-mail: marcialscj@gmail.com



“There are varieties of gifts, but the same Spirit” (1Cor 12,4)

Final Report of the Catholic-Pentecostal Dialogue, 6th Phase: Fundamental elements

Summary:

In this paper Author explains the main topics of the *Report* of the International Catholic-Pentecostal Dialogue (6th Phase: 2010-2015) on “Charisms in the life and mission of the Church”. In this *Report*, the Classical Pentecostal leaders and the Catholic Church announce together very important contents. Author notes: a clarification on the method, subject and approach applied in the International Dialogue (Part I). The value of pneumatological dimension of the Church and its charismatic vitality (Part II). An ecumenical word on prophecy, healing and discernment of the spirits (Part III). The guidelines to charisms pastoral supervision (Part IV). The significance of charisms for all Churches, not only for Pentecostal communities – for it concerns the Spirit action in the Body of Christ and the Christian unity (Part V). Aiming to introduce people in the study of this *Report*, Author starts from its fundamental topics at Part II: What Pentecostals and Catholics hold in common (n. 9-14), Charisms’ biblical foundations (n. 15-20), Historical and theological observations, with references to Patristic and Reformed theology (n. 21-23), and finally: The Church as a community enlivened by the Holy Spirit (n. 24-28). Thereby, the *Report* emphasized the pneumatological dimension of the Church and the present roll of the charisms, regarding to mission and testimony. Besides having an important subject (the charisms), the *Report* is very significant as a Pentecostal and Catholic statement, resulting from a common discernment on charisms today. At the conclusion, Author invites ministers, theology students and mission leaders to read and know the whole *Report*.

Key words: Catholic-Pentecostal dialogue; Pneumatology; Church; Charisms; Mission.



INTRODUÇÃO

De 2010 a 2015, representantes da Igreja Católica e das Igrejas Pentecostais clássicas cumpriram a sexta fase do Diálogo Internacional Católico-Pentecostal. No período, mantiveram seis colóquios ecumênicos. O primeiro, serviu para introduzir a Comissão (com seus membros e funções) e inaugurar a nova fase com o tema *Carismas na vida e missão da Igreja* (2010, Roma); a partir daí deram-se cinco encontros para desenvolver o tema escolhido:

[...] visão panorâmica sobre os carismas (Roma, 2011); depois, em diálogos consecutivos, focaram três carismas específicos: *discernimento* (Helsinki, Finlândia, 2012), *cura* (Baltimore, MD, 2013) e *profecia* (Sierra Madre, CA, 2014), identificando abordagens, interpretações e desafios comuns. O presente Relatório foi redigido em Roma em 2015, a partir dos resultados dos três encontros anteriores. O objetivo desta fase do Diálogo foi: apresentar uma reflexão partilhada sobre os carismas, considerando suas dimensões teológica, pastoral e espiritual, dando luz aos elementos que Católicos e Pentecostais podem afirmar juntos, e esclarecendo os desafios e as diferenças que necessitam afrontar. (*Relatório* n. 4)

1. O DIÁLOGO INTERNACIONAL CATÓLICO-PENTECOSTAL

Antes de expor aqui os tópicos fundamentais do *Relatório 2011-2015* (cf. n. 9-28), esclarecemos as características, escopo e participantes deste diálogo internacional.



1.1. Características e escopo

Desde seus inícios em 1972, este Diálogo Internacional se caracteriza de modo peculiar quanto à participação e aos fins. Enquanto outros Diálogos se processam bilateralmente (católico-reformado, católico-anglicano, católico-batista, católico-luterano etc.) e envolvem representações coletivas das famílias confessionais (Aliança Reformada Mundial, Comunhão Anglicana, Aliança Batista Mundial, Federação Luterana Mundial etc.), o diálogo católico-pentecostal é bilateral no método (com as perspectivas católica e pentecostal), mas é multilateral nas representações: há participantes indicados por uma específica Igreja, num quadro plural de diferentes Comunidades pentecostais; e outros que respondem por alguma associação ou aliança confessional. Ao mesmo tempo em que reconhecemos que a representatividade é estratégica para o desenvolvimento e a recepção dos resultados deste Diálogo, apon-tamos também para o vínculo primordial que aproxima e com-promete os participantes: a profissão de fé trinitária¹ na Pessoa do Espírito Santo como fator teológico e espiritual de agregação e convergência, numa perspectiva ecumênica que busca responder, sinceramente, à comum vocação para a unidade do Corpo de Cristo (cf. Jo 17,21-23).

678

medellín 169 / Septiembre - Diciembre (2017)

Podemos dizer que a presença e atuação do Espírito Santo na Igreja, constituindo-a e animando-a ao modo de um *contínuo e novo Pentecostes* é uma base comum a todos os participantes deste Diálogo, integrada ao conjunto da fé apostólica inscrita no Novo Testamento e posteriormente confirmada pelos Pais da Igreja. De fato, desde a primeira rodada de encontros (1972-1976), o *batismo no Espírito Santo*, os *dons carismáticos* e a *iniciação cristã* na Igreja despontaram como temas fundamentais, estabelecendo o nexo entre Pneumatologia, Eclesiologia e Soteriologia, qual eixo a atravessar todas as fases sucessivas deste Diálogo. Isto não toca apenas os participantes pentecostais, mas é uma abordagem significativa também para os membros católicos, que reconhecem a ação cria-

¹ Cf. Patricio MERINO BEAS. *Católicos y pentecostales. Caminos para la fraternidad cristiana y el testimonio común del Evangelio*. Bogotá: San Pablo, 2017: 15-18.

tiva, santificante e carismática do Paráclito em cada um dos crentes e na Igreja como um todo, congregada como Povo de Deus, Corpo de Cristo e Templo do Espírito Santo (cf. *Lumen gentium* n. 4 e 12).

Ademais, o Diálogo Internacional Católico-Pentecostal não visa imediatamente à “unidade orgânica” ou “união estrutural” das Comunidades participantes (*Final Report 1972-1976* n. 4). Antes, quer ser um espaço de encontro, conhecimento recíproco, estima, oração e diálogo, entre católicos e pentecostais que se reconhecem “irmãos no Senhor” (*Unitatis redintegratio* n. 3), chamados ao mesmo discipulado (cf. Jo 13,35) e à mesma esperança (cf. Ef 4,4). Desde seu início, este diálogo se caracteriza como espaço de discernimento teológico e busca de comunhão espiritual, ao ritmo da “verdade na caridade” (Ef 4,15) – atitude que dimensiona todo o método empregado nos colóquios (cf. *Final Report 1990-1997* n. 110-112). O primeiro relatório já dizia:

O escopo [de nosso diálogo] é que a oração, a espiritualidade e a reflexão teológica se tornem uma preocupação comum, em nível internacional [...], buscando estudar a vida e experiência espiritual dos cristãos e das Comunidades, dedicando especial atenção ao significado que a plena vida no Espírito tem para a Igreja, zelando tanto pela dimensão espiritual quanto pela teológica desta vivência. Mediante este diálogo, esperamos participar realmente do mistério de Cristo e da Igreja; esperamos ainda consolidar o testemunho comum, indicando deste modo que a partilha da verdade nos torna possível crescer juntos (*Final Report 1972-1986* n. 4-5)².

A isto, outro *Relatório* acrescentou:

Ainda que a unidade da Igreja constitua uma verdadeira preocupação para pentecostais e católicos, este diálogo não

² DIALOGO CATTOLICO-PENTECOSTALE. Rapporto Finale 1972-1976. In: *Enchiridion Oecumenicum* vol. 1. Bologna: EDB, p. 1076-1077. Trata-se da edição italiana do primeiro *Final Report*.



tem o propósito de estabelecer alguma união orgânica ou estrutural. Quer-se, antes de tudo: criar um clima de recíproca compreensão em matéria de fé e de prática, explicitar os pontos de acordo entre católicos e pentecostais, indicar os temas que solicitam um estudo suplementar. Esperamos que a abordagem comum das temáticas possa resultar numa maior convergência teológica (*Report "Perspectives on koinonia" 1985-1989 n. 5*)³.

1.2. Fases, temas e participantes

O Diálogo Internacional Católico-Pentecostal se organiza em *fases*, com agenda temática definida por sua Comissão própria. Desde sua abertura em 1972, cumpriram-se seis fases, incluindo a mais recente, concluída em 2015:

1ª fase – O batismo no Espírito Santo e a iniciação cristã; relação entre Escritura e Tradição; pessoa, dons e carismas⁴: 1972-1976.

2ª fase – A fé, a experiência religiosa e o falar em línguas; o papel de Maria⁵: 1977-1982.

3ª fase – Perspectivas sobre *koinonia* e comunhão cristã⁶: 1985-1989.

4ª fase – Evangelização, proselitismo e testemunho comum⁷: 1991-1997.

³ DIALOGO CATTOLICO-PENTECOSTALE. Prospettive sulla koinonia: rapporto finale 1985-1989. In: *Enchiridion Oecumenicum* vol. 3. Bologna: EDB, 1995, p. 926-927.

⁴ Cf. DIALOGO CATTOLICO-PENTECOSTALE. Rapporto Finale 1972-1976. In: *Enchiridion Oecumenicum* vol. 1. Bologna: EDB, p. 1076-1077.

⁵ Cf. DIALOGO CATTOLICO-PENTECOSTALE. Rapporto Finale 1977-1982. In: *Enchiridion Oecumenicum* vol. 3. Bologna: EDB, 1995, p. 901-924.

⁶ Cf. DIALOGO CATTOLICO-PENTECOSTALE. Rapporto Finale: Prospettive sulla koinonia 1985-1989. In: *ibidem* p. 925-957.

⁷ Cf. PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A UNIDADE DOS CRISTÃOS. *Diálogo católico-pentecostal*. São Paulo: Paulinas, 1999.

5ª fase – Tornar-se cristão: conversão, iniciação cristã, batismo no Espírito Santo e discipulado⁸: 1998-2006.

6ª fase – Carismas na vida e missão da Igreja: significado espiritual, discernimento e implicações pastorais: 2011-2015; com três carismas em destaque: profecia, cura e discernimento dos espíritos⁹.

Entre as denominações-membro da Comissão, algumas têm participação mais estável, como as Assembleias de Deus, a Igreja Internacional do Evangelho Quadrangular, a Igreja Bíblia Aberta, a Igreja do Pentecostes, a Igreja Pentecostal de Santidade, a Missão de Fé Apostólica, a Comunidade Pentecostal na Holanda e a Igreja Católica. Outras estiveram mais envolvidas num determinado período, mantendo, porém, sua receptividade aos resultados do Diálogo no conjunto do processo. No total, desde 1972 até o presente, participaram as seguintes igrejas e/ou associações confessionais:

- Igreja Apostólica do México (México)
- Igreja Assembleia de Deus (Estados Unidos)
- Igreja Internacional do Evangelho Quadrangular (América do Norte)
- Igreja Pentecostal de Santidade (Estados Unidos)
- Igreja Pentecostal da Polônia (Polônia)
- Igrejas de Deus (América do Norte)
- Assembleias Pentecostais do Canadá (Canadá)
- Assembleias de Deus Independentes (Estados Unidos)

⁸ Cf. COMISSÃO INTERNACIONAL DE DIÁLOGO CATÓLICO-PENTECOSTAL. *Tornar-se cristão: inspiração da Escritura e dos textos da Patrística com algumas reflexões contemporâneas*. Brasília: Edições CNBB, 2010.

⁹ Publicado recentemente, disponível no *Information Service*, periódico online do Pontifício Conselho para a Unidade dos Cristãos, no site do Vaticano: http://www.vaticano.va/roman_curia/pontifical_councils/chrstuni/information_service/pdf/information_service_147_en.pdf (aqui citamos nossa própria tradução para o português).



- União de Igrejas Pentecostais/Carismáticas (Estados Unidos)
- Movimento Pentecostal da Suécia (Suécia)
- Movimento Visão de Futuro (Argentina)
- Igreja Bíblia Aberta (Estados Unidos)
- Igreja Missão Pentecostal (Chile)
- Igreja do Deus da Profecia (Estados Unidos e Alemanha)
- Igreja Pentecostal de Cristo (Iugoslávia)
- Igreja Evangélica Internacional (Itália)
- Missão de Fé Apostólica (África do Sul)
- União de Igrejas Evangélicas Pentecostais (Holanda)
- Igreja Reformada (Holanda)
- Igreja Pentecostal Elim (Reino Unido)
- Igreja do Pentecostes (África, Europa e Américas)
- Conselho de Igrejas Pentecostais de Gana (Gana)
- Igreja Católica.

A presidência e secretaria são exercidas duplamente, por um católico e um pentecostal. A primeira dupla de co-presidentes foi o Rev. David Du Plessis (Assembleia de Deus) e o beneditino Pe. Kilian MacDonnel (Igreja Católica). Mais recentemente, a sexta fase do Diálogo, de 2011 a 2015, teve como co-presidentes o Rev. Pr. Cecil Mel Robeck, da Assembleia de Deus, com o Rev. Bispo Michael Burbidge, da Igreja Católica – ambos dos Estados Unidos. Na mesma fase, os co-secretários foram: Rev. Pr. David Cole, da Igreja Bíblia Aberta (EUA/Canadá), e Rev. Pe. Juan Usma, do Pontifício Conselho para a Unidade dos Cristãos (Vaticano). Já se efetuam contatos para planejar a próxima fase, colhendo sugestões sobre o tema e, eventualmente, a nova composição da Comissão de Diálogo.

2. CARISMAS NA VIDA E MISSÃO DA IGREJA

Apresentamos aqui os tópicos fundamentais do *Relatório* católico-pentecostal sobre os *carismas na vida e na missão da Igreja*, dispostos nos seguintes subtítulos:

- O que católicos e pentecostais sustentam em comum (n. 9-14).
- Fundamentos bíblicos a respeito dos carismas (n. 15-20).
- Breves observações histórico-teológicas (n. 21-23).
- A Igreja, comunidade vivificada pelo Espírito Santo (n. 24-28).

Como dito acima, os demais tópicos – sobre os carismas de profecia, cura e discernimento dos espíritos, seguidos de indicações para supervisão pastoral e pontuações finais (cf. *Relatório*: Partes III, IV e V, n. 29-114) – necessitariam de maior espaço para serem devidamente apresentados e comentados, com seus enfoques próprios. Esperamos que a leitura e ensino integral do *Relatório* abra perspectivas neste sentido, bem como as traduções e comentários que se podem realizar nas Comissões ecumênicas, Conselhos de Igrejas, Centros de evangelização e Faculdades teológicas¹⁰. Passemos, então, aos tópicos fundamentais, que compõem a Parte II do *Relatório*, intitulada justamente “Carismas na vida e missão da Igreja” (n. 9-28).

3. O QUE CATÓLICOS E PENTECOSTAIS SUSTENTAM EM COMUM

Com foco na presença dos carismas na vida e missão da Igreja, católicos e pentecostais abrem este tópico afirmando, juntos, “a natureza carismática de toda a Igreja” (n. 9): uma expressão do que, em linguagem trinitária, constitui a *dimensão pneumatoló-*

¹⁰ Para agilizar a leitura, as citações do *Relatório* são indicadas diretamente pelo número (n.) do parágrafo referido.



gica da Igreja – povo de Deus convocado pelo Pai, estabelecido por Cristo, manifesto pelo Espírito Santo em Pentecostes, em contínua peregrinação sob a luz da Páscoa, até sua consumação escatológica (cf. *Lumen gentium* n. 2-4). Ao dizer “toda a Igreja” quer-se evitar atitudes classistas, como se aqueles cristãos dotados de carismas formassem algum tipo de elite, acima dos demais membros do Corpo de Cristo. Ao contrário, o *Relatório* insiste na eclesiologia de comunhão de matriz trinitária, que concebe a Igreja simultaneamente como Corpo de Cristo e Templo do Espírito, constituída na Páscoa e no Pentecostes.

Os carismas são expressão “do amor de Deus por seu Povo e manifestação de sua viva Presença em meio a este. Livre e soberanamente concedidos pelo Espírito Santo, os carismas capacitam os crentes para participar do plano divino da salvação, para o louvor e a glória do Pai” (n. 9). Pois “os carismas são dons do Espírito Santo a todos os que creem (cf. 1Cor 12,7-11)” (n. 10). Ainda que católicos refiram os carismas ao caminho de fé aberto pelos sacramentos de iniciação (especialmente Batismo e Confirmação) – enquanto os pentecostais destacam o derramamento do Espírito Santo ao modo de uma efusão de dons – juntos, católicos e pentecostais respeitam a soberana iniciativa do Espírito Santo, admitindo que “os carismas não são confinados aos sacramentos nem ao batismo no Espírito Santo” (n. 10), embora formem – com os sacramentos e a guia do Paráclito – uma mesma e integral vivência de fé e de discipulado. Pois todos esses elementos constituem uma só economia da graça, presidida pelo Espírito de Deus, na Igreja. O *Relatório* prossegue num tom semelhante a *Lumen gentium* n. 12:

Os carismas manifestam a criatividade do Espírito; são dons generosamente dados e muitas vezes ultrapassam toda expectativa. Tanto os carismas mais extraordinários (tais como curas, milagres, profecias e línguas), quanto aqueles considerados mais ordinários (tais como serviço, ensino, exortação, distribuição de donativos, presidência e obras de misericórdia) são vitais para o ser e a missão da Igreja. (n. 11)

Com efeito, *Lumen gentium* n. 12 elenca, lado a lado, os dons mais simples (como os sete dons do Espírito Santo, ditos dons santificantes) e os dons especiais (como os demais dons do Espírito, ditos dons carismáticos e também extraordinários). Evita-se instituir uma lista ou hierarquia, para reunir todos os carismas sob os critérios bíblicos fundamentais: que sejam obra do Paráclito, que concorram para a edificação da Igreja, que sirvam ao bem de todos, em generosa reciprocidade e complementariedade, no uno Corpo de Cristo (cf. *Relatório* n. 10, 14, 19; com base em Rm 12 e 1Cor 12–14). Acima de tudo, que os carismas se submetam ao discernimento da Igreja, cuja medida será sempre a verdade e a caridade:

Com a assistência do Espírito Santo, toda a comunidade de fé – ministros ordenados e fiéis leigos – é chamada a engajar-se num processo de discernimento para verificar se certas palavras e feitos são manifestações genuínas do mesmo Espírito. A Escritura ensina que o critério último para o discernimento dos carismas são a verdade e a caridade (cf. 1Jo 4,1-3; 1Cor 13,1-3), sendo que o ponto de chegada do nosso caminhar com Deus, em Cristo, já começou com o Batismo e a conversão. (n. 12)

Além de afirmar o *primado da caridade* no exercício e discernimento dos carismas, católicos e pentecostais fazem um alerta sobre tendências que arriscam desencaminhar o Povo de Deus com pretensões desmedidas e atitudes vaidosas:

Os carismas são dons do Senhor Jesus, ressuscitado e glorificado nos céus, mediante seu Santo Espírito (Ef 4,8-12). Dons coerentes com a presença salvadora de Cristo no mundo, que não se manifesta apenas por suas obras de poder, mas também na fraqueza, pobreza e sofrimento que fazem parte da condição humana (2Cor 12,9). Mesmo o mais poderoso dos carismas não isenta os cristãos de carregar a cruz e abraçar as exigências do discipulado. Pentecostais e Católicos desafiam profeticamente as culturas e as teologias que negam o valor e o sentido espiritual do sofrimento. Enquanto creem,



por exemplo, que o poder de Deus se manifesta nas curas, milagres e no bem que Ele provê para seu Povo, são igualmente críticos de toda ênfase que poderia levar a Igreja a tendências escapistas e triunfalistas. (n. 13)

A sentença é precisa e exprime o senso de responsabilidade dos participantes deste Diálogo: “Mesmo o mais poderoso dos carismas não isenta os cristãos de carregar a cruz e abraçar as exigências do discipulado” (n. 13). Assim, o documento oferece – aqui e nos tópicos seguintes – uma série de cuidados para o correto exercício dos carismas, ordenados ao bem de todos e ao testemunho do Senhor Crucificado e Ressuscitado (cf. *Relatório* n. 50-51 e 78-19).

Em tom de partilha recíproca – não retórica, mas sincera, como se vivenciou de fato nos cinco anos deste Diálogo – católicos e pentecostais acolhem o que encontram de edificante, entre si:

Os Católicos reconhecem que os Pentecostais têm suscitado uma maior sensibilidade para com o derramamento do Espírito Santo e o exercício de Seus dons na Igreja contemporânea. Os Pentecostais, por sua vez, não compreendem o derramamento do Espírito por eles experimentado como algo confinado às Igrejas Pentecostais, mas consideram os carismas como um dom para a Igreja em sua totalidade. Além disso, são gratos pelo fato de que os Católicos, bem como outros cristãos, têm reconhecido o testemunho pentecostal sobre o valor dos carismas para a vida da Igreja. Juntos, Católicos e Pentecostais admitem o derramamento do Espírito Santo como graça para o inteiro Corpo de Cristo; graça que supera inclusive suas próprias expectativas. (n. 14)

4. FUNDAMENTOS BÍBLICOS

“Para ambos, Católicos e Pentecostais, a compreensão dos carismas é enraizada na Escritura” (n. 15). Sob a luz da Revelação bíblica, o *Relatório* destaca a experiência carismática do Povo de Deus, numa síntese das principais ocorrências ao longo da Bíblia:

a) Manifestações carismáticas no Primeiro Testamento

O Primeiro Testamento atesta a presença e a ação do Espírito desde os inícios da Criação (Gn 1,2). A seguir – ao longo da história do Povo de Deus – a ação carismática do Espírito pode ser vista no caso de pessoas como José (Gn 41,25.38-39), Moisés (Dt 34,10-11), Bezalel (Êx 31,2-6), os setenta anciãos (Nm 11,17.25-30) e Josué (Nm 27,18). Os Juízes, por sua vez, foram aqueles em Israel a quem o Espírito dotou com graças especiais, fazendo deles líderes e libertadores heroicos do Povo (Jz 3,10; 6,34; 11,29; 14,19; 15,14-15). Saul, Davi e outros reis também receberam dons especiais para o exercício de suas funções, como líderes do Povo de Deus (1Sm 10,6; 16,13). Salomão, por exemplo, recebeu um específico dom de sabedoria (1Rs 3,6-15). Os profetas do Primeiro Testamento receberam o Espírito de Deus para que seu ministério profético fosse cumprido numa perspectiva carismática (2Rs 2,9-14). E Joel, por sua vez, profetizou o derramamento escatológico dos dons do Espírito sobre todo o Povo de Deus (Jl 2,28)¹¹. (n. 16).

b) Manifestações carismáticas no Novo Testamento

► *Evangelhos:*

No Novo Testamento, os Evangelhos revelam Jesus como o Ungido (*Messias*) enviado pelo Pai, sobre Quem desceu o Espírito ao ser batizado no Jordão (Lc 3,21-22). Ao inaugurar sua missão com o discurso na sinagoga de Nazaré, Jesus identificou a si mesmo como alguém ungido pelo Espírito, para anunciar a boa-nova aos pobres e manifestar a vinda do Reino de Deus pela cura dos enfermos e a libertação dos oprimidos (Lc 4,18-21). Jesus responde às perguntas levantadas por João Batista, apontando à sua própria atividade carismática como evidência de que Ele é o Ungido de Deus prometido (Mt 11,4-6). Dotado com tal Unção, Jesus enviou em missão os Doze (Mc 6,7; Mt 10,1; Lc 9,1) e também os

¹¹ Sobre a profecia de Joel 2,28 (derramamento do Espírito de Deus), há versões que a localizam em Joel 3,1 por dividirem os versículos diversamente.



Setenta [e dois] discípulos (Lc 10,9), dando-lhes autoridade para pregar, curar e expulsar os demônios (Mc 6,13; Lc 9,6). E na narrativa de conclusão do Evangelho de Marcos, Jesus Ressuscitado promete que manifestações carismáticas e proteção contra o mal serão marcas distintivas de seus seguidores: “Estes são os sinais que acompanharão os que tiverem crido: em meu nome expulsarão os demônios; falarão novas línguas; pegarão serpentes com as mãos e, se beberem algum veneno mortal, isto não lhes causará mal algum; imporão as mãos aos doentes e estes serão curados” (Mc 16,17-18). (n. 17)

► **Epístolas:**

As Cartas do Novo Testamento, particularmente aquelas de Paulo, usam o termo *charisma* (derivado de *cháris*, graça) para indicar os dons específicos do Espírito Santo pelos quais Deus edifica a Igreja (1Cor 12,4). Esses dons – os *carismas* – tomam formas variadas, refletindo a liberdade do Espírito: Ele abundantemente os concede e soberanamente os distribui. Paulo não fornece uma explanação total dos dons do Espírito, nem informa uma lista exaustiva dos carismas; em vez disso, sua ênfase está na iniciativa do Espírito e na diversidade de seus dons entre os crentes. Paulo diz na 1ª Carta aos Coríntios 12,4-11: “Há diversidade dos dons, mas o Espírito é o mesmo; diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo; diversos modos de ação, mas é o mesmo Deus que realiza tudo em todos. A cada um é dado o dom de manifestar o Espírito, em vista do bem de todos. [...] Tudo isto é o único e mesmo Espírito quem realiza, concedendo a cada um dons pessoais diversos, segundo a Sua vontade” (1Cor 12,4-7.11). (n. 19)

Com foco numa abordagem eclesial, atenta ao discernimento dos carismas na Comunidade, o *Relatório* antecipa algumas sugestões paulinas que voltarão, com mais detalhamento, na Parte IV, sobre a supervisão pastoral do exercício dos carismas (cf. n. 91-104). Apontando a esta direção, o documento pondera:

São Paulo encoraja os fiéis a desejar os carismas com viva aspiração (1Cor 12,31); exorta os crentes a “tê-los em abundância, para a edificação da assembleia” (1Cor 14,12), de modo a não os extinguir (1Tes 5,19-22). O apóstolo também ensina que é necessário discernir os carismas (1Cor 12,10); diz que os carismas devem ser exercidos na Igreja ordenadamente, uma vez que “Deus não é Deus de desordem, mas de paz” (1Cor 14,33.40). Na Carta aos Romanos 12,6-8 ele escreve: “Temos dons que diferem segunda a graça que foi concedida. É o dom de profecia? Seja exercido de acordo com a fé. Alguém tem o dom de serviço? Que sirva. Outro, o de ensinar? Que ensine. Aquele que dá, faça-o sem segundas intenções. Aquele que preside, que presida com zelo; aquele que exerce a misericórdia, que o faça com alegria”. (n. 20)

5. OBSERVAÇÕES HISTÓRICO-TEOLÓGICAS

Três parágrafos breves, mas densos, tratam de questões histórico-teológicas relevantes, não só para o movimento pentecostal em geral, mas também para a teologia católica (cf. n. 21-23). A primeira questão, é a superação da postura *cessacionista*, que defendia a cessação total dos dons carismáticos; ou seja, que os carismas teriam cessado com o fim do período apostólico. Como sabemos, esta opinião fazia uso dos comentários do Bispo João Crisóstomo, segundo o qual as manifestações carismáticas serviam para corroborar a pregação do Evangelho nos tempos da Igreja nascente: “Importava difundir a palavra da religião [cristã] em toda parte, pois ela se encontrava então no seu começo e origem”¹². Por certo João Crisóstomo se expressou deste modo; mas não é exato que tenha afirmado o fim irrevogável dos carismas. Pois sua apreciação dos carismas na Igreja é dinâmica, não reduzida a uma única sentença, como bem notou Grasso:

A evolução [da opinião de João Crisóstomo neste tema] não se fixa apenas na afirmação da necessidade ou não dos carismas, mas também na sua função. Num primeiro momento,

¹² JOÃO CRISÓSTOMO. In *Inscrip. Actuum Apostolorum 2*, in *Patrologia Graeca* vol. 51, col. 80, apud GRASSO, D. *I carismi nella chiesa*. Brescia: Queriniana, 1982, p. 126.



Crisóstomo vê os carismas como meio pedagógico do qual Deus se serve para o crescimento da Igreja (...ele usa a imagem do agricultor); mais tarde, o mesmo Crisóstomo vê os carismas como sinal de credibilidade da pregação. Pondera que os carismas comecem a faltar, porque seu lugar deveria ser ocupado pela caridade – isto é, a caridade como característica maior da vida cristã. Mas é certo que a vida dos cristãos é deficiente, arriscando perder o crédito. É justamente neste contexto que Crisóstomo sente a necessidade dos carismas de outrora (...ele compara os carismas aos dotes que uma mulher exhibe, mesmo após perder a virgindade). Então ele exclama uma peremptória interrogação: “Quem sabe, os milagres persistam?” – sugerindo que talvez os milagres continuassem ocorrendo, como nos tempos apostólicos, funcionando como sinal de credibilidade capaz de atrair os pagãos à Igreja¹³.

A leitura atenta do conjunto dos escritos nos mostra que, à conclusão de suas observações, João Crisóstomo demonstra “uma certa nostalgia, senão um verdadeiro lamento pelo desaparecimento dos carismas”¹⁴. Diz o Santo autor: “Pode-se pensar coisa mais triste que isto [a ausência dos carismas]? Sim, a Igreja era um Céu; o Espírito a governava soberanamente, dirigindo e inspirando os seus dignitários. Hoje, restam-nos apenas sinais e vestígios desses dons...”¹⁵. Os dons teriam cessado porque os cristãos não nutriram a expectativa das manifestações carismáticas (consideradas a princípio como não necessárias, pelo Santo autor); ou teriam cessado porque – decaído em santidade – os cristãos não estavam mais em condições de receber os dons espirituais, embora deles necessitassem para dar crédito a seu limitado testemunho.

Interessante notar que, entre uma indagação e outra, João Crisóstomo descreve tão vivamente o *dom de línguas*, como se ele próprio o tivesse experimentado:

¹³ GRASSO, D. *I carismi nella chiesa*, op. cit., p. 130-131.

¹⁴ GRASSO, D. *I carismi nella chiesa*, op. cit., p. 129.

¹⁵ JOÃO CRISÓSTOMO. *Homilia XXXVI*, n. 4, in *Patrologia Graeca* vol. 61, col. 312, apud GRASSO, D. *I carismi nella chiesa*, op. cit., p. 129.

A oração cumpre o papel de augusta mensageira diante de Deus e, ao mesmo, tempo, enche a alma do orante de felicidade, porque apazígua os seus anelos. Falo, neste caso, da oração autêntica; não me refiro ao mero fluir de palavras... A oração autêntica é um desejo sincero de Deus; um amor inefável que não provém dos homens, mas sim da graça de Deus. É desta oração que o Apóstolo diz: “Não sabemos orar como convém, mas o Espírito mesmo intercede por nós, com gemidos inexprimíveis” (Rm 8,26). [...] Ora, pois, se o Senhor concede a alguém o dom de orar assim, trata-se de uma riqueza que merece ser valorizada, um manjar celeste que sacia a alma: quem o saboreou experimenta um desejo celeste pelo Senhor, como um fogo ardentíssimo que queima a própria alma¹⁶.

No curso dos séculos, a opinião de João Crisóstomo foi simplificada, senão reduzida à primeira observação a respeito da função dos carismas na Igreja apostólica. Isso se tornou corrente na Igreja Ocidental, sem a devida atenção a dois outros aspectos importantes. Primeiramente, o próprio dado bíblico: o Novo Testamento não atesta nenhuma cessação categórica dos dons, nem os confina aos tempos apostólicos; ao contrário, a manifestação do Espírito em Pentecostes e nos sucessivos derramamentos do mesmo Espírito se opera como realização escatológica das profecias, em testemunho da messianidade de Jesus, cuja promessa de enviar o Paráclito da parte do Pai se cumpria, enfim, na Igreja (cf. Jo 15,26-27; At 2,16-21). Além disso, os carismas concorrem à edificação e missão do Povo de Deus, em coerência com o dito de Jesus: “O Espírito vos conduzirá à verdade plena” (Jo 16,16). Sendo promessa escatológica (na História e além da História), que orienta a missão da Igreja através dos tempos, não se pode admitir facilmente que a guia do Espírito tenha prazo de validade, ainda mais em tempos novos, com sujeitos novos, em areópagos novos. A Palavra de Deus fala de uma ação soberana, sempre nova, do Espírito entre os crentes, a iluminar, consolar, exortar e sustentar na contínua *parhesía* da Boa Nova

¹⁶ JOÃO CRISÓSTOMO. *Homilia VI de precatone*, in *Patrologia Graeca* vol. 64, colunas 465-466, apud GRASSO, D. *I carismi nella chiesa*, op. cit., p. 131.



(cf. Mt 10,19-20; At 7,54-55). Em tempos recentes, João Paulo II propôs uma evangelização nova no ardor, no método e nas expressões, “arraigada na força e na potência imorredouras de Pentecostes”¹⁷. Também o Papa Francisco volta ao tema, incluindo os carismas no horizonte da missão, como fatores de renovação e comunhão para toda a Igreja¹⁸.

Em segundo lugar, importantes autores patrísticos próximos à época de João Crisóstomo – como Cirilo de Jerusalém, Basílio de Cesareia e Atanásio – atestam a continuidade dos carismas na Igreja¹⁹. Sobre isto, o *Relatório* destaca alguns testemunhos. A respeito dos dons proféticos, o documento recorda:

Após o período apostólico, os dons proféticos continuaram a exercer seu papel na vida da Igreja, por séculos. É sabido que personagens como Inácio de Antioquia (cf. *Carta aos Filadelfos* 7,1-2) e Policarpo de Esmirna (cf. *Martírio de Policarpo* 5), profetizavam. O tema da profecia está presente também nos primeiros documentos litúrgicos e devocionais da Igreja (como na *Didaqué* 11,3-12; 13,1 e 3-4; e também *O pastor de Hermas* 11). Tais documentos estabeleciam orientações sobre a atividade dos profetas, além de fornecer às comunidades os critérios específicos para discernir entre quem seria verdadeiro ou falso profeta. (n. 39)

Ao longo do século III, no contexto do Império Romano, havia textos cristãos repletos de referências proféticas. Destacam-se Irineu (130-200 dC) na Gália: *Demonstração da pregação apostólica* 99 e *Contra as heresias* II.32.4; Justino Mártir (por volta de 100-165 dC) em Roma: *Diálogo com Trifão* 88.1; Tertuliano (180-253 dC) em Cartago: *Tratado*

¹⁷ JOÃO PAULO II. *Discurso de abertura da IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano* (Santo Domingo) n. 6, citando *Evangelii nuntiandi* n. 2. In: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1992/october/documents/hf_jp-ii_spe_19921012_iv-conferencia-latinoamerica.html Acesso em 20 de Junho de 2017.

¹⁸ Cf. FRANCISCO. *Exortação apostólica “Evangelii gaudium”* n. 130. São Paulo: Paulinas, 2013, p. 110.

¹⁹ Cf. GRASSO, D. *I carismi nella chiesa*, op. cit., p. 118-125.

sobre a alma 2,3; 9,3-4; e Cipriano (200-258 dC), bispo de Cartago, com recorrentes referências a visões, sonhos e ao dom de profecia. O próprio Cipriano atesta ter experimentado visões úteis a orientar seu caminho pessoal (*Cartas* 10 [8] 4.1; 16 [9] 4.1; 58 [55] 5.2); ele também informa que os sínodos episcopais do Norte da África levaram em conta as mensagens oriundas de visões e profecias, quando fizeram indicações de nomes para os ofícios eclesiásticos (*Cartas* 39 [33] 1.1-2; 40 [34] 1.1). Por séculos o carisma de profecia seguiu manifestando-se entre fiéis leigos e ministros ordenados, tanto nas comunidades locais quanto em mosteiros e conventos. (n. 40)

E sobre o carisma de cura, o mesmo *Relatório* prossegue:

Os escritos dos Pais da Igreja demonstram que curas, exorcismos e milagres continuaram a ter lugar nos primeiros séculos do Cristianismo. Os textos de Justino, Orígenes, Irineu e Tertuliano, por exemplo, mostram que curas e exorcismos ocorriam com certa frequência, realizados por cristãos comuns, especialmente no contexto da evangelização. Irineu escreveu: “Em nome de Jesus, seus verdadeiros discípulos, tendo dele recebido a graça, promovem o bem dos demais, cada qual conforme o dom recebido. Alguns expulsam demônios, com tanta certeza e verdade que, muitas vezes, aqueles que foram purificados destes maus espíritos creem em Cristo e se unem à Igreja. Outros manifestam presciência de coisas por vir: eles têm visões e proferem profecias. Outros, ainda, curam os enfermos impondo-lhes as mãos, e os enfermos são restaurados. Além disso, é verdade que até mortos ressurgiram e permaneceram entre nós por muitos anos” (IRINEU, *Adversus haereses*, Livro II: 32,4). (n. 61)

Com tais dados bíblicos e históricos à mão – prossegue o *Relatório* – “católicos e pentecostais afirmam que em todos os tempos e culturas o Espírito Santo mune os cristãos com carismas, para o testemunho do Evangelho e a edificação do Corpo de Cristo” (n. 21). Portanto, católicos e pentecostais reunidos neste Diálogo



[...] rejeitam a noção de que os carismas teriam efetivamente cessado após a era apostólica ou em outras fases da História cristã. Contudo, reconhecem que durante muitos séculos os carismas não estiveram *à frente* nem *ao centro* da vida eclesial. Supunha-se que o Espírito estivesse presente, mas, por vezes, com pouca expectativa a respeito de sua espontânea ação carismática. Apesar disso, a contribuição dos Padres Capadócijs, o movimento monástico em suas variadas expressões, o avivamento espiritual verificado na Idade Média com Franciscanos e Dominicanos, e outras correntes de renovação ao interno da Igreja Católica, cultivaram uma contínua atenção ao Espírito Santo e seus carismas, constituindo sinais evidentes da ação do mesmo Espírito. (n. 21)

Uma outra questão histórico-teológica, relacionada aos carismas, é o exame das causas de seu declínio, em tempos posteriores à era patrística. De fato, ainda que seguissem operando por graça do Espírito Santo, esses dons eram mais perceptíveis na vida pessoal de certos fieis, tornando-se raros – quase imperceptíveis – na vida coletiva ou congregacional da Igreja. A respeito, o documento admite o declínio das manifestações coletivas dos carismas – algo bem distinto da opinião de que teriam simplesmente cessado ou perdido sua função na edificação do Corpo de Cristo. Em linhas breves, o *Relatório* diz:

Entre os motivos indicados pelos estudiosos para o declínio das manifestações carismáticas, estão: o largo ingresso de convertidos – carentes de sólida formação na fé – logo após a legalização do Cristianismo pelo Império Romano; a reação da Igreja aos excessos de movimentos carismáticos tais como o Montanismo e o Maniqueísmo, com seu desprezo pelo corpo; uma pneumatologia ainda incipiente, e os esforços teológicos em combater as várias heresias. Posteriormente, na História, os debates em torno da Reforma, o Racionalismo iluminista e o ceticismo generalizado por tudo o que fosse sobrenatural também contribuíram à escassa expectativa das manifestações extraordinárias do Espírito Santo. (n. 22)

Depois, o documento menciona a história recente do movimento pentecostal-carismático como *senal* da continuidade e vitalidade dos carismas na Igreja:

Católicos e pentecostais concordam que o avivamento Pentecostal do século XX acarretou uma atenção renovada aos carismas como algo essencial para revigorar a vida e a missão da Igreja. Esta mesma atenção aos carismas alcançou maior intensidade com o surgimento da Renovação no Espírito Santo nas igrejas Anglicana e Protestantes nos anos Cinquenta e Sessenta, e com o emergir da Renovação Carismática Católica em 1967. É também reconhecido o papel particular que o ensino do Concílio Vaticano II teve para a revitalização dos carismas em geral, além de afirmar a importância da dimensão carismática da Igreja (cf. *Constituição dogmática “Lumen gentium”* n. 12). (n. 23)

Cabe, porém, adiantar que esta apreciação é leitura de um *senal* recente; nunca afirmação de qualquer pretensa exclusividade dos carismas da parte de Comunidades “avivadas” ou “renovadas”. Pois o Espírito sopra onde quer, distribuindo seus dons ao uno Corpo de Cristo, para o bem de todos (cf. 1Cor 12,7):

Juntos, Católicos e Pentecostais reconhecem que os carismas concedidos pelo Espírito Santo ao Povo de Deus visam ser recebidos por todos os cristãos: não se limitam apenas aos que participam de movimentos de “avivamento” ou “renovação”. Orar para receber os carismas, esperar por sua manifestação e zelar pelo seu exercício responsável resulta na edificação da Igreja e na eficácia do seu ministério no mundo. Em decorrência disto, Católicos e Pentecostais sentem-se convidados a redescobrir o papel dos carismas e a reacender o uso desses dons em suas respectivas comunidades. Os participantes deste Diálogo encorajam os demais cristãos a fazer o mesmo. (n. 105)



6. A IGREJA, COMUNIDADE VIVIFICADA PELO ESPÍRITO SANTO

Neste tópico, católicos e pentecostais professam a Igreja como comunidade messiânica e templo do Espírito (cf. 1Pd 2,4-5). O Espírito Santo não representa apenas uma *dimensão* da Igreja, mas é – Ele mesmo – constituinte da Igreja com Cristo, unindo-a como Povo escatológico, profético e sacerdotal. Assim, o Pentecostes não fica no passado, como memória de um fato remoto, mas é evento que funda e mantém a Igreja através da História, conformando-a a Cristo e confirmando-a na missão:

Juntos, Pentecostais e Católicos afirmam que, desde Pentecostes, o Espírito Santo tem constituído e animado a Igreja – a nova comunidade escatológica de Deus – levando-a a proclamar e manifestar continuamente o Seu Reino. A partir de Pentecostes, o Espírito capacitou vigorosamente os discípulos para levar adiante a missão do seu Senhor, enquanto Deus corroborava o testemunho do Evangelho com sinais e prodígios feitos em Nome de Jesus e pelo poder do mesmo Espírito (cf. Mc 16,17-18; At 14,3; Hb 2,4). A Igreja é, pois, missionária por sua própria natureza. E o Espírito Santo é o primeiro agente da missão eclesial; é Quem dirige e capacita a Igreja em toda a sua atividade. (n. 24)

Assim, se expressa uma das contribuições teológicas da tradição pentecostal, que é aproximar – de modo fecundo, recíproco – a Pneumatologia e a Eclesiologia:

Deus chancela os crentes com o selo do Espírito Santo (2Cor 1,21-22), o Qual habita em cada um como num templo (1Cor 6,19). Por meio do mesmo Espírito, os crentes são santificados e feitos “pedras vivas na construção da casa habitada pelo Espírito, para constituir uma santa comunidade sacerdotal, para oferecer sacrifícios espirituais agradáveis a Deus, por Jesus Cristo” (1Pd 2,5). (n. 25)

O Espírito Santo constitui efetivamente a Igreja com seus dons, em consonância com a vontade do Pai e a obra consumada pelo Filho – tal qual nos ensina *Lumen gentium* n. 2-4. Desta eclesiolo-

gia trinitária brota a adequada articulação entre a obra do Cristo (Páscoa) e a obra do Espírito (Pentecostes), concordes na fundação do novo Povo de Deus. Com efeito, a Trindade é *arché* (princípio constituinte) da Igreja. Neste sentido, o *Relatório* compreende os carismas como componentes da Igreja, como elementos próprios de sua fundação e perpetuidade por parte do Espírito de Cristo. Isto não se refere apenas ao primeiro Pentecostes, como se fosse um fato passado, mas à ação contínua do Paráclito, a suscitar um novo Pentecostes no presente e no futuro da Igreja:

O Espírito dota os crentes com dons espirituais para a edificação do Corpo de Cristo. O mesmo Espírito é também o princípio da unidade (*koinonia*) em meio à diversidade de carismas e ministérios (1Cor 12,4-5). Tanto Deus distribui os carismas livre e soberanamente, quanto convida Seus filhos a beber na fonte do Doador dos dons, para confirmar as graças já recebidas e seguir desejando, confiadamente, os Seus dons. (n. 26)

A esta altura do *Relatório*, os pentecostais destacam positivamente as proposições do Concílio Vaticano II sobre os carismas na missão dos leigos e leigas:

Pentecostais sentem-se encorajados pelo ensino da Igreja Católica, de que “da aceitação desses carismas, mesmo os mais simples, brota em favor de cada um dos fieis o direito e o dever de exercê-los para o bem da humanidade e a edificação da Igreja, dentro da mesma Igreja e do mundo, na liberdade do Espírito Santo que ‘sopra onde quer’ (Jo 3,8)” (*Decreto “Apostolicam actuositatem” sobre o apostolado dos Leigos* n. 3; também *Constituição dogmática “Lumen gentium”* n. 12). (n. 26)

Os dons do Espírito, porém, não se reduzem às expressões de louvor, cura, línguas e profecias. Também os ministérios ordenados, a presidência e os serviços de supervisão da Igreja participam da União do Paráclito, na íntima articulação das dimensões institucional e carismática:



Católicos e Pentecostais concordam que o Espírito Santo dota a Igreja com dons institucionais e carismáticos (1Cor 12,28). Na dimensão institucional da Igreja, o Espírito Santo está a operar através das estruturas de liderança estabelecidas por Cristo. Na dimensão carismática, o mesmo Espírito opera entre os crentes de todos os níveis, de modo contínuo, livre e muitas vezes imprevisível. Essas duas dimensões são coesenciais à Igreja e complementares entre si. A dimensão institucional tem, por assim dizer, uma face carismática, em tudo quanto nela é animado e continuamente sustentado pelo Espírito Santo; e a dimensão carismática tem, de seu lado, uma face institucional, em tudo quanto nela deve ser discernido pela Igreja e corretamente ordenado para o bem de toda a Igreja. Católicos e Pentecostais reconhecem e apreciam a existência de uma salutar tensão entre as dimensões carismática e institucional, na Igreja. A ambas aplica-se esta admoestação de Paulo: “Em nome da graça que me foi dada, digo a cada um dentre vós: não tenhais pretensões além do que é razoável; mas uma justa estima de si mesmos, ditada pela sabedoria, de acordo com a medida da fé que Deus concedeu a cada um” (Rm 12,3). (n. 27)

Deste modo, o *Relatório* concorda – sem fazer menção explícita – com o que diz o Concílio Vaticano II: “O Espírito Santo unifica a Igreja na comunhão e no ministério; dota-a e dirige-a mediante os diversos dons hierárquicos e carismáticos” (*Lumen gentium* n. 4). Há, certamente, uma tensão entre os dons hierárquicos e os dons carismáticos, convocando os crentes à humildade, discernimento e corresponsabilidade na edificação da Igreja.

Este tópico se conclui com a afirmação de que todo dom institucional (ou hierárquico) constitui na Igreja um serviço, um instrumento ministerial em favor da vitalidade e missão de todos, a exemplo de Cristo que “não veio para ser servido, mas para servir e dar a vida em resgate por muitos” (Mc 10,45):

Pentecostais e Católicos concordam que o Espírito Santo suscita líderes e os qualifica com dons, para que ensinem e conduzam a Comunidade cristã, ajudando-a a crescer em

santidade. A autoridade na Igreja é um dom de Deus e deve ser exercida como verdadeiro serviço, seguindo o exemplo do Senhor Jesus (cf. Mc 10,42-45). Pois Cristo mesmo é o supremo pastor da Igreja (1Pd 5,4). Católicos entendem a liderança na Igreja, primeiramente, conforme o tríplice ministério de Bispos, Presbíteros e Diáconos. Os Pentecostais esclarecem que, nas Comunidades pentecostais clássicas, há uma estrutura de liderança semelhante, com ministérios instituídos; contudo, o exercício da supervisão eclesial pode ter expressões mais amplas. Ambos reconhecem que a autoridade, na Igreja, deve ser exercida conforme a guia do Espírito Santo, para evitar os riscos de usá-la inapropriadamente. (n. 28)

Assim se concluem os *tópicos fundamentais* (Parte II: carismas na vida e missão da Igreja) do *Relatório* católico-pentecostal de 2015. As partes seguintes, como já mencionamos, tratarão dos carismas específicos de profecia, cura e discernimento (Parte III), da supervisão pastoral do exercício dos carismas (Parte IV), com síntese final e perspectivas de aplicação deste documento nas Comunidades católicas e pentecostais (Parte V). O estudo atento deste *Relatório* pede sua leitura integral, com atenção aos argumentos e verificação de suas fontes bíblicas, patrísticas e magisteriais. É na leitura das partes III-V que os tópicos fundamentais revelam sua força e sustentam a reflexão. No caso de leitores católicos, o documento pode ser estudado em cotejo com *Lumen gentium* 4 a 12, de modo a integrar Pneumatologia e Eclesiologia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de tudo, sugerimos a leitura integral do *Relatório* – que constitui um marco no trajeto de Diálogos ecumênicos bilaterais, pelo fato de ser o primeiro documento a tratar, com propriedade, dos carismas na Igreja. Note-se que o texto não resulta da mera superposição ou acomodação de elementos pentecostais com aqueles católicos, mas sim do efetivo diálogo teológico: ao pôr-se juntas à escuta da Palavra de Deus, com questões em comum e a partilha de suas ênfases próprias, as Igrejas participantes exerceram verda-



deiro discernimento de seu patrimônio doutrinal-espiritual, acolhendo “reciprocamente o que o Espírito Santo semeou nas suas respectivas Comunidades” (n. 113). O diálogo favoreceu a revisão histórica, a percepção de ênfases complementares, a resolução de mal-entendidos, a compreensão da linguagem e a consciência comum de que há um só Senhor, uma só fé, um só Espírito (cf. Ef 4,4-5). Enquanto batizados, agraciados por Deus com as virtudes teológicas e os carismas do Espírito Santo, católicos e pentecostais reconhecem sua comum vocação à santidade e à missão; acolhem o próprio diálogo como experiência pneumatológica; revisam seu passado de divisão, cujas feridas desejam curar; abrem-se ao chamado divino de testemunharem juntos o mesmo Evangelho: “Nisto todos reconhecerão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros” (Jo 13,35). De fato, considerando este *Relatório* no conjunto dos demais documentos já publicados, se evidencia a vitória da graça sobre o pecado, da reconciliação sobre a divisão, da caridade sobre a indiferença. Acaso a caridade não mais nos obriga? Não nos dizemos todos cristãos? Não nos consideramos todos discípulos do mesmo Senhor? – Daí a importância deste Diálogo, suscitado pelo mesmo Espírito e procedido na fé, não em função de acordos fáceis ou devedores do passado, mas feito de discernimento, propositor da conversão e indicador de uma via nova para católicos e pentecostais: a via profética de quem se encontra, se ouve – ouvindo juntos a Palavra de Deus – com disposições sinceras de amor mútuo, em obediência ao Senhor: “Que sejam um, para que o mundo creia” (Jo 17,21). A apresentação sucinta dos tópicos fundamentais não dispensa, como já foi dito, a leitura atenta deste *Relatório*; leitura a ser feita na fé e na esperança, percebendo o teor profético do próprio Diálogo, como sinal de reconciliação e unidade no Corpo de Cristo, tão dilacerado por contendas e dissensos entre os próprios discípulos do Senhor. É neste horizonte de profecia e reconciliação que os elementos teológicos (sobre a Trindade, o Espírito, Cristo e a Igreja) ganham sentido: não como tratado doutrinal, mas como sinal eloquente de comunhão, ao constatarmos que cada parágrafo, cada linha do documento, é proclamação conjunta de diversas Igrejas – antes desencontradas, mas que têm caminhado juntas em resposta à moção do Espírito de Cristo, “que distribui seus dons conforme lhe apraz” (1Cor 12,11). Mais que a compreensão mútua

de duas tradições (ainda que isto tenha seu intrínseco valor), este Diálogo entre católicos e pentecostais tem sido afirmação da Igreja de Deus, ao mesmo tempo Corpo de Cristo e Templo do Espírito, chamada a realizar-se em plena comunhão com Deus e entre seus membros:

Os participantes deste Diálogo confiam este Relatório aos demais, na esperança que suas conclusões desafiem os leitores e leitoras à fé mais profunda no Evangelho, numa abertura sem fronteiras ao Espírito Santo de Deus, para que cresça o sincero apreço por todos os discípulos do Senhor Jesus Cristo. Os participantes desta sexta fase do Diálogo Internacional Católico-Pentecostal estão convictos de que resultados deste porte, podem servir efetivamente para levar Católicos e Pentecostais a estarem mais próximos uns dos outros. À medida que crescem juntos rumo a Cristo, fazendo-se mais próximos d’Ele, sustentados pelo Espírito Santo que os guia constantemente, os católicos e pentecostais deste Diálogo esperam e oram para que muitos outros se juntem a eles na disposição de responder ao apelo de unidade que o Senhor lhes faz (cf. Ef 4,3). A participação nesta jornada, caminhando sempre avante, constitui uma dádiva substancial à promoção da unidade dos Cristãos. (n. 114)

REFERÊNCIAS:

- COMISSÃO INTERNACIONAL DE DIÁLOGO CATÓLICO-PENTECOSTAL. *Tornar-se cristão: inspiração da Escritura e dos textos da Patrística com algumas reflexões contemporâneas*. Brasília: Edições CNBB, 2010. Trata-se da edição brasileira do *Final Report 1998-2006: On becoming a Christian (VI Phase)*.
- CONCÍLIO VATICANO II. *Constituições, decretos, declarações*. 14^a ed. Petrópolis: Vozes, 1969.
- DIALOGO CATTOLICO-PENTECOSTALE. *Rapporto Finale 1972-1976*. In: *Enchiridion Oecumenicum* vol. 1. Bologna: EDB, p. 1076-1077.



DIALOGO CATTOLICO-PENTECOSTALE. Rapporto Finale 1977-1982. In: *Enchiridion Oecumenicum* vol. 3. Bologna: EDB, 1995, p. 901-924.

DIALOGO CATTOLICO-PENTECOSTALE. Prospettive sulla koinonia: rapporto finale 1985-1989. In: *Enchiridion Oecumenicum* vol. 3. Bologna: EDB, 1995, p. 926-957.

FRANCISCO. *Exortação apostólica "Evangelii gaudium"*. São Paulo: Paulinas, 2013.

GRASSO, D. *I carismi nella chiesa*. Brescia: Queriniana, 1982.

INTERNATIONAL COMMISSION FOR CATHOLIC-PENTECOSTAL DIALOGUE. Do not quench the Spirit: Charisms in the life and mission of the Church. *Information Service*: http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/chrstuni/information_service/pdf/information_service_147_en.pdf (acesso em 19 de Junho de 2017).

JOÃO PAULO II. *Discurso de abertura da IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano* (Santo Domingo): http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1992/october/documents/hf_jp-ii_spe_19921012_iv-conferencia-latinoamerica.html (Acesso em 19 de Junho de 2017).

MERINO BEAS, Patricio. *Católicos y pentecostales. Caminos para la fraternidad cristiana y el testimonio común del Evangelio*. Bogotá: San Pablo, 2017.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A UNIDADE DOS CRISTÃOS. *Diálogo católico-pentecostal*. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 1999. Trata-se da edição brasileira do *Final Report 1990-1997: Evangelisation, Proselytism and Common Witness* (IV Phase).